

## DEPOIMENTO DO PASTOR ISNARD ROCHA



*Capelão Juvenal Ernesto da Silva\**

### **Dados pessoais:**

Nome de guerra: Juvenal

Nascimento: 20 de junho de 1907, em São Roque - SP.

Filho de: Joaquim Ernesto da Silva e Maria da Silva.

Aos 16 anos mudou-se para Santo Amaro - SP, onde passou a frequentar a Igreja Metodista. Batizou-se nessa Igreja em 1924.

Iniciou seus cursos de Letras e Teologia em 1927, no Instituto Metodista Granbery, em Juiz de Fora, tendo se formado em 1935. Iniciou sua vida de pastor em Valença e Campinas. Casou-se com Carmem de Oliveira em 1936, após o que serviu como Capelão do Instituto Porto Alegre - RS até ir para Nashville - USA fazer seu Mestrado. Retornou ao Brasil em 1942. Tão logo estourou a II Guerra Mundial ele foi convocado para servir como Capelão, integrando a Força Expedicionária Brasileira. De volta ao Brasil, serviu por muitos anos como Capelão evangélico da FEB. Após o falecimento de sua Carmem, em 1963, ele transferiu-se para São Paulo onde serviu no Segundo Exército, como Capelão. Sua aposentadoria foi como capelão e pastor. Casou-se pela segunda vez em 1979, com Cacilda, em Araçoiaba da Serra.

\* Extrato baseado no depoimento do Pastor Isnard Rocha, publicado na Revista Voz Missionária, IV Trimestre de 1995, p. 14.

-----

## ENTREVISTA

A revista Voz Missionária, IV Trimestre de 1995, em suas páginas 12-14 publicou uma entrevista com o Capelão Juvenal a qual vai transcrita abaixo, com a devida autorização.



*Há 50 anos terminava uma das mais cruéis guerras – a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual mais de 50 milhões de pessoas foram mortas, deixando outras milhões carregando toda sorte de sequelas. Guerra em nível mundial, na qual a bestialidade humana mais uma vez se fez presente na morte de mais de 6 milhões de judeus - homens, mulheres e crianças.*

Para relembrar o fim desta guerra, grandes comemorações aconteceram em várias partes do mundo. Foi neste verdadeiro inferno, que tantos anos durou, que o Brasil também se viu envolvido quando vários de seus navios foram torpedeados por submarinos alemães nas costas brasileiras. Em 1942 nosso país declarou guerra ao Eixo, formado pela Alemanha, Itália e Japão. É neste cenário que a Voz Missionária foi buscar um dos legítimos representantes daqueles que participaram desta guerra. É um pastor metodista que, aos 88 anos de idade, lúcido, ainda se recorda daquele passado longínquo.

### **Capelão Juvenal Ernesto da Silva**

Convocado para ser capelão do Segundo Escalão da Força Expedicionária Brasileira - FEB - aos 34 anos, deixou mulher e um filhinho e partiu para os campos de combate, na Itália. Sua missão era levar conforto espiritual aos nossos soldados. Formado em Letras e Teologia pelo Instituto Granbery, em Juiz de Fora, e com mestrado em Nash-ville, EUA, falava perfeitamente o inglês, o que facilitou seus contatos também com os americanos, já que o nosso exército atuava conjuntamente com o 5º Exército Norte-Americano. Aprendeu também a falar italiano, o que facilitou sua missão.

O capelão Juvenal ainda guarda, com carinho, várias lembranças dos tempos que passou na Itália: capacete, cinturão, a faixa de capelão, marmita, cantil, caneco, talheres, sua Bíblia, o aparelho de Santa Ceia e uma chapinha com suas referências pessoais, para sua identificação em caso de morte.

## **O salmo dos soldados nas trincheiras**

Durante a campanha na Itália, o capelão Juvenal recitava com frequência o Salmo 23, o predileto dos “pracinhas” (como eram chamados nossos soldados) quando feridos, muitos já sem esperança de vida.

“O Senhor é o meu Pastor: Nada me faltará.

Ele me faz repousar em pastos verdejantes.

Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma.

Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome.

Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam.

Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários, unges-me a cabeça com óleo: o meu cálice transborda”

## **As funções de um Capelão na guerra**

Capelão Juvenal informa que sua função era a de confortar os feridos, os enfermos, visitar, levando palavras de conforto tanto para os que iam para a frente de combate como para aqueles que estavam à espera de serem chamados para a luta. Se preciso, até sepultá-los, no que ele dá graças a Deus por não ter sido preciso. Havia, portanto, um trabalho sem descanso, pessoal, com todos os soldados que o procuravam - evangélicos, católicos, ateus. Assim, muitas vezes ele era levado junto com o Comando, acompanhando as tropas.

## **O dia-a-dia na guerra**

Dependendo das circunstâncias, passava noites inteiras no front. Às vezes, perdia-se a noção do tempo, não se sabia o horário de levantar, nem de deitar. Tudo dependia das batalhas que se desenrolavam.

## **Uma experiência curiosa**

Conta nosso capelão que certa ocasião as tropas entraram no jardim de um palácio para um descanso rápido. Na guerra, entra-se em qualquer jardim ou casa. Entraram e estacionaram os tanques naquele local. Era um palácio muito bonito e, ao entrarem, um mordomo disse que poderiam ficar à vontade, e que estavam no palácio do grande músico e tenor Beniamino Gigli. Então o capitão Abreu fez com que todos recuassem, porque aquela casa não era a de um simples italiano, pois Beniamino Gigli era um cidadão internacional, conhecido em todo o mundo. E, ao sinal do apito, toda a tropa saiu. O capelão passou a admirar ainda mais o capitão, que sabia respeitar o valor de um dos maiores representantes da arte musical. Ficou, portanto, fã dos dois.

## **A caixa de bombons**

As cartas que chegavam eram poucas, mexidas, desviadas, abertas, perdidas.

Numa ocasião, a mãe de um dos praci-nhas enviou-lhe uma caixa de bombons. Ela chegou aberta às mãos do capelão. Restavam pouquíssimos bombons. O capelão atravessou um lugar perigosíssimo para entregá-la ao soldado em combate. Foi alertado de que não deveria ir, mas ele insistiu, dizendo que iria levar a caixa de bombons, que era um gesto de grande amor de uma mãe por seu filho. Então um soldado foi com ele, recomendando-lhe para pisar onde ele pisasse, pois corria o risco de passar em uma mina. O interessante é que aquele bom soldado tinha os pés muito grandes, e o nosso capelão, com pés menores, pisava bem dentro de sua pegada. Foi assim que ele, exultante, conseguiu entregar a caixa de bombons para aquele soldado.

### **O sentimento de insegurança e medo**

“O medo é inerente ao homem, porque trata-se da sua segurança, da sua sobrevivência”, afirma o capelão Juvenal. O medo de não voltar para os seus entes queridos, para sua pátria, tudo isso gera insegurança e o homem acaba por sobrepor as suas angústias e medos, transformando-os em coragem. Podiam-se ver homens fazendo lances de grande coragem, mas isto era impulsionado pelo medo. Faziam-se coisas maravilhosas -todas motivadas pelo medo. Isto, no entanto, não tornava o ato menos merecedor de admiração e respeito.

### **Como eram feitas as reuniões de oração**

As reuniões eram feitas em qualquer lugar e hora, sempre que as batalhas permitiam. Às vezes as reuniões contavam com apenas três, quatro ou até um único soldado, porém eram realizadas com todo o fervor e fé num Deus que nunca desampara os que o procuram.

### **A profissão de fé de um soldado**

Foi uma das experiências mais marcantes de nosso capelão. Os combates aconteciam em Montese. Um dos soldados recebeu ordens expressas para ficar em determinada posição e dali não sair, mesmo que o número de soldados inimigos fosse grande. Ele tinha de matar ou morrer. E ele obedeceu! Felizmente, nenhum inimigo apareceu. Depois de removido dali, entre lágrimas e soluços, procurou o capelão para se balizar e fazer sua profissão de fé. “Já queria fazer isso há algum tempo.” disse o soldado, “mas se eu lhe pedisse isso antes, o senhor poderia pensar que eu quisesse fazê-lo apenas por estar em grande perigo. Agora, fora do front de guerra, continuo a desejar o batismo e a profissão de fé.” Ele frequentava a Igreja Presbiteriana que ficava em frente ao Palácio da Guerra, no Rio de Janeiro. Tinha apenas 21 anos! O capelão, então, tirando um pouco da água do seu cantil - água muito preciosa para a sua sobrevivência - tornou-a ainda mais preciosa pelo batismo. Um pouquinho de água...

Nós, metodistas, batizamos por aspersão. Este fato tão maravilhoso se deu entre os escombros de uma casa arrasada pela guerra.

Muitas outras profissões de fé foram realizadas. Um soldado fez sua profissão de fé embaixo de um pé de Oliveira, único local disponível naquele momento.

## **Achando um a um**

Como foi convocado para o segundo Escalão da Força Expedicionária Brasileira, encontrou os soldados já espalhados pelo front de guerra. Foi pastorear uma igreja na qual tinha de descobrir os membros, um a um, nas trincheiras. E assim o fez. Foi um trabalho árduo, difícil, porque muitos estavam descrentes de tudo e desesperançados da vida.

## **Sentimento de um Capelão nos campos de batalha**

Indagado sobre como se sentia no meio de uma guerra cruenta, sendo homem religioso com a missão de falar da “vida”, o capelão Juvenal afirma: “Sentia-me pequenino, moído, esfrangalhado diante de tanta dor e tristeza, tanto como ser humano como homem religioso. Os soldados buscavam conforto espiritual e palavras de esperança, e eu procurava ajudá-los com a graça de Deus. A presença de um religioso num confronto armado é extremamente necessária, não somente para os que estão sãos e aguardam a chamada para a batalha, mas também para os feridos nas trincheiras ou nos hospitais. Havia casos de pessoas que não criam em Deus e entravam em desespero. Outras gostariam de ter fé em Deus, mas sentiam-se totalmente inibidas. Era terrível e a gente se sentia extremamente triste. Restava orar, orar... Naqueles momentos eu me sentia frustrado, sem poder abrir a mente de tais pessoas. Isso sempre foi muito duro para o nosso capelão.

## **Fragilidade, apesar da fé**

“Em muitos momentos, senti medo e muita fragilidade como ser humano. Deus conhece a minha fragilidade, porém jamais perdi a minha fé. E ainda peço a Deus por um de nossos soldados que, revoltado, não conseguia acreditar nele. Ele costumava dizer que eu só conseguiria introduzir Deus em sua cabeça se a quebrasse e o pusesse lá à força. É muito apropriado o que nos diz a Bíblia em um de seus trechos: ‘Buscai a Deus enquanto se pode achar; invocai-o enquanto está perto.’”

## **A volta ao Brasil**

De volta ao Brasil, o capelão Juvenal tinha o coração grato a Deus pela oportunidade que lhe fora dada para ser útil ao próximo e também pela alegria de rever a família. Também teve o prazer de rever vários soldados e o comandante. Após a guerra, atuou ainda durante muito tempo como capelão em colégios metodistas.

## **Condecorações**

O capelão Juvenal Ernesto da Silva foi alvo de muitas homenagens, recebendo a Medalha do Pacificador, entregue pela Segunda Região Militar em São Paulo, unidade do Ibirapuera, e um punhal de prata da mesma unidade, quando se aposentou.

Também não foi esquecido pelas mulheres metodistas, representadas pelas Sociedades de Mulheres das Igrejas em São José dos Campos e Cotia, que lhe ofereceram um bonito cartão de prata. E ainda agora, ao comemorar os 50 anos do término da guerra, a

Câmara Municipal de Araçoiaba da Serra, onde reside, acaba de lhe conferir o Título de Cidadania daquele município.

### Palavras finais do Capelão Juvenal

“É preciso mostrar às novas gerações o horror de uma guerra e procurar, mais do que nunca, o espírito de pacificação. E que as novas gerações procurem conhecer os feitos dos nossos praci-nhas que participaram da guerra em batalhas memoráveis, em defesa da liberdade e dos direitos humanos, ainda tão espezinhados. Para isto é preciso que os nossos veteranos, a nossa imprensa, os nossos educadores transmitam esses feitos. A Nação sobrevive na memória dos seus filhos. Como se diz: ‘Povo sem memória é povo sem história!’”

### Palavras da Voz Missionária

A Voz Missionária, como publicação da Igreja Metodista e órgão oficial das Sociedades de Mulheres, sente-se orgulhosa e deveras honrada por trazer à memória da Igreja Metodista no Brasil a vida de um de seus filhos mais dignos, que como capelão cumpriu sua missão de pastor, levando palavras de esperança e conforto espiritual aos soldados que, longe da Pátria, lutavam nos campos nevados e sangrentos da guerra.

Que as mulheres metodistas, unidas, orem pelo capelão Juvenal, escrevam-lhe cartas e que as SMMs mais próximas o homenageiem com muito carinho e respeito por uma figura tão expressiva para a nossa Igreja e para a Pátria, cumprindo a missão que Deus lhe ordenou.

Deus o abençoe, capelão Juvenal, e lhe recompense por tanto que o senhor fez pela causa do Mestre! O senhor foi como um anjo de Deus nos campos de batalha. Creia, todos os corações sensíveis hão de reconhecer seus grandes méritos!

*Fontes: Capelão Juvenal E. da Silva, sua esposa Cacilda, notas do jornal “Mais Cruzeiro”, de Sorocaba, rev. Isnard Rocha, Julieta Calvo Escobar, Mário Freitas, seu enteado, e o fotógrafo Aldo V. da Silva, do “Mais Cruzeiro”, que forneceu suas fotos. A todos o nosso muito obrigada.*



*Os objetos usados durante a campanha. Ao centro, a caixa com os objetos para comunhão.*

# HISTÓRIAS SOBRE O CAPELÃO JUVENAL ERNESTO DA SILVA

*Por Eduardo Galdino da Silva\**



*Capelão Capitão  
Rev. Juvenal Ernesto da Silva*

Aos 34 anos de idade, o Reverendo Juvenal Ernesto da Silva, da Igreja Metodista, foi convocado, pela FEB, para ser Capitão Capelão do Segundo Escalão, da Força Expedicionária Brasileira, no Regimento Sampaio.

Um pouco antes, ele, formado em Letras e Teologia pelo Instituto Metodista Granbery, em Juiz de Fora, estava fazendo o Mestrado em Nashville - EUA. Na época, no Hawaí, tinha acontecido o maior ataque japonês às bases americanas, o ataque japonês em Pearl Harbor; com isso, pouco tempo depois ele foi mandado de volta para o Brasil em 1942. Pois o governo Vargas tinha declarado guerra contra o eixo (Japão-comunista, Alemanha-nazista e Itália-fascista).

Então, nesses 239 dias, o Capelão também fez seu papel, o papel de proporcionar conforto espiritual aos nossos pracinhas. Também lutou, passou fome, passou frio, ficou no hospital, internado, pelo que me parece em Porreta, com duas costelas quebradas. Realizou bastantes reuniões de oração. Muitos pracinhas foram batizados, inclusive um que foi batizado em Montese, embaixo de uma oliveira, com a água valiosa de seu cantil, aos sons de bombardeiros. Foi um batismo por aspersão, como outros que também foram batizados entre os escombros de uma casa arrasada pelas bombas. Mas este foi um trabalho árduo, pois ele encontrou os soldados já espalhados pelo front de guerra.

A presença dos Capelães num confronto armado foi muito necessária, pois muitos soldados já estavam desesperados da vida. E como levar a palavra “vida” em um terreno de “morte”? Mas assim o fizeram... O dia-a-dia não foi fácil, pois fazia e recebia ordens de Comandantes, Generais, assim como um soldado artilheiro. Armava acampamento, construía trincheiras, e tudo mais.

Viu coisas de se partir o coração, como me disse a sua esposa Cacilda Ernesto da Silva. Em uma certa hora passou uma italiana já senhora com uma perna podre de cavalo nos ombros, dizendo que iria levar pra fazer sopa para ela e para seus filhos. Ela me contou também que antes do desembarque os soldados ganharam umas laranjas bem adocicadas, meio avermelhadas, raras e ele - Juvenal - as guardou. Ao chegar em uma cidade italiana resolveu degustar a última laranja que guardara. Ele ouviu um barulho vindo de suas costas; ao se virar, viu dois ou três italianos pegando as cascas no chão, olhando para ele e passando a mão no estômago e dizendo: - Fome, muita fome! Ele, sem pensar, foi repartindo a laranja entre os dois italianos.

Foram dias de muita miséria e fome ao povo italiano. Mas a FEB esteve lá e conseguiu libertar aquele povo do regime nazi-fascista e suas atrocidades.

Depois da libertação, nas cidades em que passavam, nossos pracinhas eram recebidos com júbilos, flores e abraços pelo povo italiano. Foram, sim, grandes heróis, inesquecíveis...

Assim dizendo, essa foi uma pequena história do que todos os soldados e Capelães passaram na Itália, com muitas conquistas, como sempre: “Lutando a serviço da paz”.

“É preciso mostrar às novas gerações o horror de uma guerra e procurar, mais do que nunca, o espírito de pacificação. E que as novas gerações procurem conhecer os feitos dos nossos pracinhas que participaram da Guerra em batalhas memoráveis, em defesa da liberdade e dos direitos humanos, ainda tão espezinhadados. Para isto é preciso que os nossos veteranos, a nossa imprensa, os nossos educadores transmitam esses feitos. A nação sobrevive na memória dos seus filhos. Como se diz: ‘Povo sem memória é povo sem história!’”

Tenho muito orgulho de conhecer um pouco sobre os Capelães; seus trabalhos merecem todo o respeito, pois lutaram, foram heróis.

*\*Escrito por Eduardo Galdino da Silva, em Sorocaba a 10 de março de 2012, às 01:45 da madrugada. Os dados e fotos que fundamentam o artigo foram obtidos pelo autor junto à viúva do segundo casamento do Capelão Juvenal, Sra Cacilda. Contato: [coleccionismo2012@hotmail.com](mailto:coleccionismo2012@hotmail.com)*

**Nota:** O Capelão Juvenal faleceu já bem idoso em Araçoiaba da Serra, dia 5 de julho de 1997. Foi sepultado no cemitério da Saudade em Sorocaba.